



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO: CONTRIBUIÇÕES DO ÂMBITO FAMILIAR E ESCOLAR

Euda Márcia Dias Paiva¹; Ivan Vieira da Silva²; José Francisco de Assis Dias³

¹Discente do Programa de Pós-graduação em Gestão do Conhecimento, Centro Universitário de Maringá - UNICESUMAR, PR euda00@gmail.com;

²Discente do Programa de Pós-graduação em Gestão do Conhecimento, Centro Universitário de Maringá - UNICESUMAR, PR vieira_ivan@yahoo.com.br;

³Docente do Programa de Pós-graduação em Gestão do Conhecimento, Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR, PR bolsista do ISETI

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a formação de leitores críticos no ensino fundamental das escolas públicas, estabelecendo um caminho adequado para levar o sujeito a ser um leitor crítico através da leitura diversificada. Para tanto, houve pesquisa de campo em uma escola pública de Brasília, bem como pesquisa exploratória e bibliográfica de conteúdos e pesquisas que relatam o ser como leitor desde seus primeiros anos de vida, de sua inicial trajetória escolar até a sua formação. Por meio da análise dos resultados da pesquisa de campo foi possível definir que, embora haja interesse dos docentes em intensificar o trabalho com a literatura, a gramática se sobrepõe substancialmente aos estudos literários. Os estudos bibliográficos demonstraram que há solução para melhorar esse contexto, portanto, serão levantadas estratégias para melhoria da qualidade da prática pedagógica na formação do leitor crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Leitor crítico, literatura, formação, família, escola

1 INTRODUÇÃO

A leitura, desde muito cedo, deve ser apresentada à criança como forma de entretenimento, seguida pela escola. Muitas vezes, acreditou-se que bastava conhecer o código para que o indivíduo fosse reconhecidamente um leitor ou simplesmente alfabetizado, mas já é amplamente sabido que essa formação vai muito além disso. Os pais deveriam ser os primeiros responsáveis na apresentação do livro, mesmo que apenas como fonte de distração e prazer.

Os personagens principais para a formação do leitor seguem a ordem: 1º família, 2º professor. A família tem o poder que lhe confere um conjunto de prerrogativas com o objetivo de gerir suas questões internas. É a instituição mais antiga que existe, a unidade cultural mais importante, que tem legalmente garantida a transmissão de suas culturas e valores aos filhos de forma rotineira pela própria convivência familiar (MOREIRA, 2017). Portanto, deve ser primordialmente a principal fonte motivadora. Ao professor cabe o papel de mediar, transformar; não ser apenas um transmissor de conhecimentos, mas ser um intelectual, que participa da formação de uma nova sociedade.

O foco deste trabalho está na importância da leitura proficiente para o crescimento do aluno na vida acadêmica e social. Uma vez que a leitura é um ato importante para a vida em sociedade, cada vez mais o professor deve estar preparado para confrontar-se com um ensino moderno e de qualidade, pois, como afirmam Menegassi e Angelo (2005), os professores do primeiro e segundo ciclos do ensino Fundamental e Educação Infantil, estão buscando construir um ensino de leitura mais próximo da realidade necessária à sociedade atual.

As crianças que hoje frequentam a escola têm exigências diferentes das de um passado não muito distante; elas se transformaram com a sociedade e, a cada dia, apresentam uma nova necessidade. Elas trazem para a escola sua leitura de mundo, suas experiências e precisam encontrar profissionais na escola que estejam preparados para ampliar esse olhar.

Relevante se faz esclarecer que, para o sujeito se tornar um leitor crítico, é necessário aprimorar e desmistificar sua leitura, motivando-o a ler de forma subjetiva e correta. Para tanto, faz-se necessário conhecer os caminhos que o aprendiz percorre até se tornar um leitor completo, corrigindo os aspectos tortuosos que muitos perfazem para alcançar, de fato, a excelência da leitura.



Sabe-se que a Gestão do Conhecimento organiza e administra conhecimentos diversos, objetivando alcançar melhores resultados. Então se utilizará desses ensinamentos para responder a seguinte questão: Quais as contribuições da Gestão do Conhecimento para que um leitor primário se torne um leitor crítico ao final do ensino fundamental?

Numa perspectiva interacionista, ao introduzir a leitura no seio familiar, o interesse torna-se gradual e a possibilidade de se ter um leitor crítico, observador, transmissor e aplicador de conhecimento, torna-se real. Alexandre Moreira (2017) afirma que o interesse das crianças na educação é duplo: primeiro, elas têm interesse em se tornarem adultos independentes capazes de atuar nas diversas instituições da sociedade; segundo, elas têm interesse em se tornarem pessoas minimamente autônomas, capazes de buscar suas aspirações de vida.

De acordo com Bamberguerd, (2005), a criança que lê com maior desenvoltura se interessa pela leitura e aprende mais facilmente. Dessa forma, a motivação é um grande estimulante para o futuro leitor; ressaltando-se aqui a importância da família, reconhecida como instituição, compara-se à escola nos termos de formação integral.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Para esse estudo de caso, foram feitas observações em uma escola pública de Ensino Fundamental de Brasília (Centro de Ensino Fundamental 214 Sul). Foram feitas observações e registros das coordenações, dos processos de avaliação, das aulas de português e literatura, história, geografia e ciências biológicas, bem como observação e análise de algumas produções textuais de alunos do 7º ano dessa escola. Também foram feitas entrevistas com a orientadora da escola, que respondeu um questionário com 5 perguntas sobre a clientela da escola, levantando os motivos para os pais matriculá-las lá e não perto de suas casas.

As observações se deram em 1 hora aula por semana em cada aula das citadas disciplinas. A observação nas coordenações pedagógicas dos professores que foram feitas duas vezes por semana pelo período de 3 horas cada uma, durante o ano letivo.

O trabalho também contou com uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa em torno das ferramentas utilizadas no processo de formação de leitores críticos. Os procedimentos metodológicos utilizados durante a pesquisa envolveram a investigação, análise, síntese e sistematização de ideias por meio de pesquisas bibliográfica e descritiva já realizadas, relacionadas ao tema, investigando principalmente:

- a) Como as escolas trabalham com a literatura;
- b) Como os alunos são avaliados quanto a literatura e
- c) Que tipo de literatura é lida.

Existe um grande debate sobre as diferentes formas de gerir conhecimentos e construir sistemas de aprendizagem mais eficientes. Dentre esses debates duas importantes correntes do pensamento tem se destacado na literatura sobre Gestão do Conhecimento: a epistemologia da posse e a epistemologia da prática. E a utilização destas correntes contribuirá para a ampliação do entendimento sobre os diferentes processos que levam à aprendizagem, considerando como o conhecimento deve ser gerido no ambiente organizacional da família e da escola.

Numa apertada síntese, a epistemologia da posse trata dos processos de transferência do conhecimento tácito para o explícito, já a epistemologia da prática tenta entender os processos pelos quais pessoas e organizações constroem o conhecimento baseados em práticas e ações sociais (NEWELL et al., 2009).



Assim sendo, podemos considerar que a utilização dos ensinamentos da “Gestão do Conhecimento é, sobretudo, um exercício de reflexão. O conhecimento é uma informação que muda algo ou alguém, provocando uma ação que torna um indivíduo ou uma instituição mais eficiente” (LUCHESI, 2012, p. 3) .

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, na pesquisa de campo, observou-se que a metodologia utilizada por esses professores perpassa por várias estratégias, moldando seu trabalho à realidade da comunidade escolar, que é bem diversificada, pois a escola encontra-se em um local estratégico e de certa forma protegido; este é o pensamento da maioria dos pais que matriculam seus filhos nessa escola. Em lugar estratégico por encontrar-se no centro de Brasília, facilitando a vida do pai/mãe que deixa o filho na escola e vai trabalhar; estratégico também por estar a 100 metros de uma parada do metrô que traz alunos de várias cidades satélites e até mesmo do entorno/Goiás. Esses pais acreditam que os filhos, nessa escola, estarão mais protegidos da sedução da marginalidade e abandono aos estudos.

Para se chegar a essa conclusão foi feita uma entrevista com a orientadora da escola, que respondeu um questionário com 5 perguntas sobre a clientela da escola, levantando os motivos para os pais matriculem seus filhos nessa escola e não em outras perto de suas casas.

O texto literário constitui preocupação relevante de professores de Língua Portuguesa e Literatura da escola. Viu-se que, durante as coordenações, os professores sempre apresentam considerações e questionamentos sobre a abordagem do texto literário no processo de ensino-aprendizagem, porém, não procuravam estabelecer novas estratégias para introduzir uma nova roupagem para a leitura e a literatura, continuando assim com o trabalho desmotivador e pouco criativo, o que afasta cada vez mais o aluno dos livros e das fontes de leitura.

No que tange a avaliação, observou-se que a escola pesquisada se restringe a avaliar apenas as redações nos seus termos gramaticais e pouco aplica o que discute em coordenações. Quanto às outras disciplinas, as leituras são exploradas de forma técnica, sem um procedimento dinâmico, criativo ou motivador.

Ressalta-se que, durante as observações, ficou claro que leitura de obras literárias é uma atividade pouca utilizada e, quando feita, pouco explorada. O jovem de hoje tem um aliado “de peso” na busca da comunicação e conhecimento, o computador; máquina capaz de auxiliar de maneira positiva, pois segundo Koch (2002), a linguagem humana foi concebida, na trajetória da história, de maneiras diversas: “como representação do mundo e do pensamento, como instrumento de comunicação e como forma de ação ou interação”.

É de conhecimento geral a importância da leitura para o crescimento do indivíduo e para que a comunicação seja prioridade e haja excelência no falar diário. Por isso, faz-se imprescindível que o convívio com os livros extrapole o desenvolvimento sistemático da sua escolarização e que a literatura passe a ser difundida com mais intensidade nas escolas.

Segundo Scott (1983, p. 3), “a leitura não é a habilidade de decodificar palavras, mas sim de se extrair o significado, o implícito e explícito do texto escrito. É um processo seletivo e ao mesmo tempo, um jogo de adivinhação psico-linguístico que envolve uma interação entre pensamento e linguagem”.

Ao professor cabe orientar os jovens quanto ao que leem e também conduzir a leitura para que seja proveitosa. Diversos métodos poderão ser utilizados para que o aluno se sinta introduzido nessa prática. Decodificar vai além do código propriamente dito, é alcançar a alma do escritor e



alcançar todo o significado textual; é verdadeiramente um jogo de adivinhação que o escritor trava com o leitor.

Além do tipo de leitura e a maneira que ela é estimulada, o aluno precisa ser avaliado de maneira inteligente para que a tensão do livro não culmine com uma “prova de fogo”, afastando sua ideia obrigatoriedade da leitura e seduzindo-o para o interesse pela leitura.

A avaliação deve ser proposta como uma atribuição de qualidade aos resultados da aprendizagem, impulsionando o desenvolvimento do educando (LUCKESI, 1993). A prática da leitura deve ter um fechamento condizente com o prazer e entusiasmo de se descobrir coisas novas. Cabe, então, ao professor levar criatividade aos tipos de avaliação, pois essa deve ser desafiadora e trazer momentos positivos para o aluno. Qual foi o aluno que esqueceu de uma peça de teatro que precisou montar sobre um livro lido? Qual aluno esqueceu quando foi apresentar um trecho do livro na frente da classe ou qual esqueceu da paródia sobre tal personagem? É isso que uma avaliação deve trazer para o aluno: comentários e retorno ao livro lido, como se degustassem uma bela refeição.

Resta então a questão: como ensinar literatura? As melhores estratégias serão descobertas através da troca, do compartilhamento, da construção coletiva e da constante capacitação do docente. A escola pesquisada discute muito a utilização de livros literários em suas aulas, contudo na prática isso não acontece. Apesar de toda a legislação educacional brasileira estar voltada para a leitura, a escola deixa um pouco esse aspecto de lado e preocupa-se tão somente com a gramática.

O trabalho com a leitura ainda está centrado em habilidades mecânicas de decodificação da escrita, muitas vezes sem reflexão, nem diálogo com o texto. Sendo utilizada a leitura apenas para atividades metalinguísticas ou finalidades meramente avaliativas (ANTUNES, 2003).

Existem duas concepções de texto e de leitura que se perpetuam ainda hoje nas escolas. Ou o texto é visto como depósito de informações, ou é visto como um conjunto de elementos gramaticais (KLEIMAN, 2004).

Diante disso, enfatiza-se que a leitura não pode ser uma mera reprodução do escrito, deve-se contemplar o ato de, após ler, fazer com que o leitor seja capaz de criar e recriar. Para Geraldí (2004, p. 91) “leitura é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto. (...) O leitor não é passivo, mas agente que busca significações”.

Tanto os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, quanto as Diretrizes Curriculares Nacionais não determinam um ensino metodológico de língua. As Diretrizes Curriculares Nacionais também não fazem uma divisão entre o ensino de língua e literatura. Pelo contrário, nas Diretrizes há a preocupação, assim como nos PCNs, com a qualidade da escrita e da leitura, realizada pelo aluno.

Renilson José Menegassi e Angela Francine Fuza, apresentam um quadro que demonstra a leitura interacionista nos documentos oficiais, fazendo um contraponto a partir dos conceitos apresentados por teóricos como Dell’Isola (1996), Kleiman (1996, 2000), Leffa (1996) e Menegassi & Ângelo (2005):

Características teóricas	PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais (1998)	DCEs – Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa (Paraná, 2008)	Documentos do SAEB – Sistema Nacional de Educação Básica
O processo de leitura promove o diálogo entre leitor e texto;	A leitura leva à formação e ao desenvolvimento de leitores competentes;	A leitura é uma condição de atividade e acontecimento social;	O ensino da Língua Portuguesa deve-se voltar à função social da língua;
O processo de leitura promove a construção de uma compreensão;	A leitura é um processo coletivo;	A leitura considera aspectos sociais e históricos em que	A língua é vista como interação;



		o sujeito está inserido;	
O processo de leitura promove uma resposta ativa ao que é exposto;	A leitura é constituída de etapas;	A leitura permite o contato do aluno com a linguagem nas diferentes esferas sociais;	A leitura é fruto da interação;
A leitura é um processo ativo;	O leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto;	A leitura é de dimensão dialógica;	O leitor se posiciona ativamente diante do enunciado;
O leitor realiza um trabalho de construção de significado do texto;	O leitor tem objetivos de leitura;	A ação pedagógica de leitura deve pautar-se na interlocução;	O leitor constrói significados e produz sentidos;
A leitura é um processo determinado pelas sociais sendo possibilitando que um texto apresente diferentes leituras; condições do leitor, variável,		A leitura demanda históricas, econômicas, pedagógicas ideológicas de um momento; envolve sociais, políticas, e	A leitura leva à formação de leitores autônomos;
O leitor busca extrair, primeiramente, um significado existente para depois produzir um sentido;		Ao ler, o indivíduo busca suas experiências e seus conhecimentos prévios;	O leitor antecipa o texto;
A leitura é um espaço de respostas a outros textos já contemplados, configurando a contra-palavra;		A leitura implica uma resposta do leitor ao que lê;	O leitor infere informações;
A leitura pode promover a formação do leitor como um co-produtor do texto;		A leitura acontece num tempo e num espaço;	O leitor percebe, avalia e reformula concepções;
O leitor é um ser ativo que busca informações, extraído do texto o que condiz com seu objetivo, atribuindo seu conhecimento prévio e produzindo um sentido;		O leitor se constitui como sujeito;	O leitor é capaz de compreender textos orais e escritos;
A leitura possibilita ao aluno o seu amadurecimento como sujeito crítico;			O leitor é capaz de posicionar-se;
O processo de leitura pode formar um leitor crítico;			A leitura demanda domínio de capacidades que precisam ser ensinadas;
A leitura crítica, que caracteriza a formação de um leitor crítico/competente, é concebida como uma prática social;			A leitura promove o trabalho com os gêneros.
O leitor crítico realiza a prática da seleção, ou seja, seleciona aquilo que lhe faz sentido;			

3.2 PROFESSOR MEDIADOR

O mediador é “a ponte”, o intermediário que aproxima e liga o leitor à leitura e ao livro, e quando feita com paixão, essa ligação é sedimentada de forma natural. Para Petit, o mediador “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (PETIT, 2008, p. 145).



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

A mediação deveria, de fato, acontecer ainda na família, mas é inevitável reconhecer que isso geralmente só vem acontecer mesmo no âmbito escolar. O professor-mediador é onexo entre o leitor e o livro, levanto em consideração que cabe ele aproximar os novos leitores do texto escolhido, tendo em mente que a literatura é um território livre, no qual cada leitor vai tecer suas redes de interpretação. De acordo com Eliana Yunes (2009, p. 76):

na proposta do círculo de leitura, alcançamos, por assim dizer, as *segundas* histórias, ou seja, um momento em que a recepção do texto não refluí a uma interioridade emotiva e de perplexidade apenas, amparada na voz do outro, mas aqui já se desdobra uma interatividade de ordem mais ampla entre o texto e diversos receptores, simultaneamente.

Corroborando com essa ideia, Michèle Petit (2008, p. 43) afirma:

Ao compartilhar a leitura, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita-se abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.

Diante de todas as considerações, uma peculiaridade que é fundamental e muito relevante no contato do professor-mediador com o leitor é a cumplicidade, esse elemento fará com que o leitor tenha prazer e sinta-se à vontade para escolher e, inclusive, discutir a obra lida com liberdade, com satisfação.

Eliana Yunes ressalva o seguinte sobre narrativas:

As metáforas e as imagens devem instigá-las a ativar seu imaginário para construir cenários e desenhar personagens, descobrir palavras novas e começar a construir sentido. Essa prática, intensificada pela proximidade com outras crianças, no contato com a oralidade do professor/mediador, pode ampliar muito a prontidão mental, estender as expectativas, animar a improvisação mental para o novo, elaborando a capacidade de visualização do que está ausente aos olhos. (YUNES, 2009, p.14)

Para Marta Morais da Costa (2007, p. 113) a pesquisa é fundamental:

Um encaminhamento que propicia o melhor desempenho dos professores formadores de leitores consiste em intensificar a pesquisa no campo da leitura e da recepção de textos. Esse objetivo é sustentado pela crença de que não existe um bom docente em sala de aula se não o alimentar um pesquisador, isto é, se ele não for movido pela curiosidade e pela persistência em buscar descobrir o que ainda não conhece.

É palpante e evidente que o professor precisa estar preparado para ser um mediador eficiente e atualizado, pois há muitos meios de leitura que extrapolam a sala de aula, por exemplo, a *internet*, jogos, redes de relacionamentos, jornais, revistas, livros *best seller* adorados pelos jovens etc.

Para o sucesso do trabalho, a escolha de textos deve ser criteriosa, levando em conta as diferenças de cada um, pois segundo Costa (2007, p. 111) “uma seleção adequada é estratégia indispensável ao êxito do trabalho com a formação de leitores”.

Por fim, os professores podem inovar o ensino de literatura na escola e fora dela, assim já nos mostra Yunes em seus estudos:



Dentro e fora da escola, crianças e adultos, precisamos reaprender a ler, a reinventar a leitura. E o começo é perceber que não lemos palavras, lemos sequências nas quais as palavras se comunicam, se negam, se contradizem e nos surpreendem: espreitar suas relações, observar suas ambiguidades pode nos tornar mais perspicazes e sensíveis. Viver a aventura da palavra é viajar pelo tempo/espaço da humana condição. (YUNES, 2009, p. 58)

3.1 FAMÍLIA

A família é o primeiro vínculo da criança com o mundo. Nela, são inconscientemente colocadas todas as expectativas das crianças desde sua idade mais tenra. Segundo Alexandre Moreira (procurador federal), em uma Audiência Pública sobre Educação Domiciliar; educação familiar não é um direito, é um dever. Cita o livro “A Criança Terceirizada”, dizendo que ele serve para lembrar o dever de os pais educarem os filhos em casa não pode ser terceirizado para a escola. Cita ainda que uma pesquisa feita em Brasília concluiu que muitos menores cometem infrações porque querem chamar a atenção do policial, refletindo nele a figura de pai, resultado da ausência paterna em casa.

É constitucional a importância e dever da família na formação das crianças e adolescentes. Não é demais lembrar que a família é o primeiro e principal relacionamento que o ser humano tem durante a sua vida. Portanto, na família é onde tudo começa, é nela que os hábitos se fortificam, que a maioria das crianças se espelham, assim é ela que deve cuidar da manutenção da educação dos filhos.

Nesse contexto, a importância dos livros nos primeiros anos de vida é muito bem caracterizada por Fontes e Ruschell

Pais e filhos têm encontrado na leitura um fascinante ponto de encontro, seja pela crença de que a leitura proporciona ferramentas para os anos escolares seguintes, ou simplesmente porque há poucas coisas tão reconfortantes como a leitura. Durante gerações esta espontânea interação entre pais – filhos – livros, tem permitido não só que se estreitem os vínculos afetivos, mas que as crianças pequenas adquiram segurança em si mesmas graças às experiências cognitivas, emocionais e verbais que os livros oferecem. A leitura se trata da possibilidade de fazer deste hábito um ato familiar, um momento propício para que pais e filhos estejam juntos e possam compartilhar experiências e emoções.

3.1 LEITOR CRÍTICO

Tornar o aluno um leitor crítico não é uma tarefa fácil; várias são as facetas que devem ser observadas nesse processo. O sujeito leitor deve ser levado a se conscientizar do que lê, interpretar de forma coerente, saber ler criticamente, bem como entender as entrelinhas. Assim, “o leitor se conscientiza de que o exercício de sua consciência sobre o material escrito não visa o simples reter ou memorizar, mas o compreender e o criticar” (SILVA, 1991, p. 80).

Segundo Kuenzer (2002, p.101), “ler significa em primeiro lugar, ler criticamente, o que quer dizer perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção”.

Para Kleiman (1998, p. 61)

o ensino da leitura é um empreendimento de risco se não estiver fundamentado numa concepção teórica firme sobre os aspectos cognitivos envolvidos na compreensão de texto. Tal ensino pode facilmente desembocar na exigência de mera reprodução das vozes de outros leitores, mais experientes ou mais poderosos do que o aluno.



Dessa forma, a leitura crítica é a concretização de novos conceitos. Cabe então aos instrutores/mediadores, sejam pais ou professores, dirigir esse processo para que ele seja fomentado de forma inteligível, levando o leitor a obter gradual compreensão do que lê e, assim, começar a formar suas opiniões, conceitos e novas construções cognitivas.

A leitura compreensiva é um preenchimento automático de lacunas e criações do que não está expressamente escrito, sensibilizando o leitor e fazendo com que este alcance o significado real dos seus direitos e deveres como cidadão, dos quais decorrem sua interação social.

Para finalizar, transcreve-se, abaixo, uma citação fundamental no entendimento de uma leitura crítica:

o leque de objetivos e finalidades que faz com que o leitor se situe perante um texto é amplo e variado: devanear, preencher um momento de lazer e desfrutar, procurar uma informação concreta; seguir uma pauta ou instruções para realizar uma determinada atividade (cozinhar, conhecer as regras de um jogo); informar sobre um determinado fato (ler o jornal, ler um livro de consulta sobre a Revolução Francesa); confirmar ou refutar um conhecimento prévio; ampliar a informação obtida com a leitura de um texto na realização de um trabalho, etc. (SOLÉ, 1998, p. 22)

Alcançar o alto nível da leitura requer muitas performances, como já dito antes; leitura diversifica, novas criações, pesquisas, etc., mas o fundamental ainda é a motivação. Nesse aspecto entra a valiosa participação da família e da escola, ambas devem caminhar juntas para que o sujeito tenha constante contato com diversificadas fontes de leitura, devem, ainda, estar atentas para que esse caminho se torne contínuo e crescente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o processo de leitura é intuitiva e gradual, iniciando-se desde os primeiros meses de vida, ainda no seio familiar e com a ida da criança para a escola ele tende a se aperfeiçoar. A criança deixa de ser um leitor informal para ser um leitor com caráter personalizado.

No processo histórico e evolutivo, observa-se que a educação e formação dos leitores é resultante de uma série de fatores que de certo modo contribuíram para seu desenvolvimento. A Gestão do Conhecimento, assim como o próprio conhecimento, tem muito abstrato e difícil de ser estabelecido fora do contexto organizacional. Todavia, a família e a escola têm, como todas as outras organizações, características de estratégias de gerenciamento, que se bem dirigidas certamente alcançarão a devida importância na formação do leitor crítico.

Por tudo isso, conclui-se que para a formação de um leitor crítico será necessária: uma prática de leituras que despertem e cultivem o desejo de ler, uma prática pedagógica eficiente que dê suporte ao aluno para realizar o esforço intelectual de ler não só textos simples, mas também aqueles mais complexos, nos quais precisará utilizar e pôr à prova todas as suas estratégias de leitura. Dessa forma, mister se faz que o professor recicle-se, capacite-se para que o aluno deixe de ser aluno-leitor e seja um leitor-crítico que tenha por objetivo final capacitar e formar sujeitos críticos e participantes da sociedade em que vive.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

FONTES, M. A. e RUSCHEL, S. P. **A importância da leitura nos primeiros anos de vida.** Disponível em: <http://www.plenamente.com.br/artigo.php?FhIdArtigo=91#.WYUpqTPOo_U>
Acesso em: 03/08/2017

FUZA, A.F. e MENEGASSI, R. J. **O Conceito de Leitura nos Documentos Oficiais.** Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/7500/6981>> Acesso em: 03/08/2017

GERALDI J. W (org.). **O Texto na Sala de Aula.** São Paulo: Ática, 2004.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática.** 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1998

KLEIMAN, Ângela B. **leitura: Ensino e Pesquisa.** São Paulo: Pontes, 2004.

KOCH, I. V. **Argumentação e linguagem.** 7ª. ed. São Paulo, Cortez, 2002.

KUENZER, A. (Org.). **Ensino Médio.** 3ª ed. Cortez, 2002.

LUCHESI, E. S. F. **Gestão do conhecimento nas organizações.** Disponível em: <<http://www.cetsp.com.br/media/117897/nota%20tecnica%20221.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação.** 6 reimp. São Paulo: Cortez, 1993.

MENEGASSI, R. J. (Org). **Leitura e ensino.** Maringá: Eduem, 2005.

MOREIRA, Alexandre M. F. **O direito à educação domiciliar.** Brasília-DF: Editora Monergismo, 2017.

MOREIRA, Alexandre M. F. **Audiência Pública sobre Educação Domiciliar.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/documentos/notas-taquigraficas/NT12.06.13AudinciaPblicaEducaoDomiciliar.pdf>> . Acesso em: 03/08/2017

NEWELL, S. et alii. **Managing Knowledge work and innovation.** 2ª Edition. London: Palgrave/Macmillan, 2009.

SCOTT, M. Lendo nas entrelinhas. **Cadernos PUC**, nº 16, 1983. p.101-24

SILVA, E. T. da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** 5ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados.** Curitiba: Aymar, 2009.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** São Paulo: 34, 2008.